

BOLETIM



DOS AMIGOS DO PADRE CAFFAREL

BOLETIM de LIGAÇÃO N° 28
Julho 2021

ASSOCIATION DES AMIS DU PÈRE CAFFAREL
49 RUE DE LA GLACIÈRE
F-75013 PARIS
www.henri-caffarel.org

Para encomendar o DVD do Padre Caffarel, dirija-se a:

L'Association des Amis du Père Caffarel,

- por correio: 49 rue de la Glacière F-75013 PARIS
- ou por internet, através do sítio: www.henri-caffarel.org
ao preço de **5 €**

Na última página encontra uma ficha que lhe permite
renovar a sua adesão para o ano de 2021,
se ainda não o fez.

*No verso desta ficha pode inscrever os nomes de amigos a quem
deseja que mandemos um pedido de adesão.*

SUMÁRIO

- Editorial: O ano da Família *Amoris Laetitia*
Edgardo e Clarita Fandiño p. 4
- Actualidades da associação dos Amigos do Padre Caffarel
25º aniversário do falecimento do Padre Caffarel
- Uma novena proposta aos equipistas do mundo inteiro p. 7
- Porquê uma novena?
Padre Paul-Dominique Marcovits p. 8
- Que é uma novena?
Gérard e Marie-Christine de Roberty p.9
- Homilia de Mons. Lustiger, durante a missa celebrada
em 27 de Setembro de 1996 p.10
- Arquivos do Padre Caffarel
Cristo chama-me p. 15
- Oração para a canonização do Padre Caffarel p.23
- Membros honorários da associação dos
Amigos do Padre Caffarel p. 24
- Boletim de renovação da sua adesão p. 27

EDITORIAL

Edgaro e Clarita Bernal Fandiño

(Casal responsável da Equipa Responsável Internacional das Equipas de Nossa Senhora)



O ANO DA FAMÍLIA *AMORIS LAETITIA*

Querida família da Associação dos Amigos do Padre Caffarel,

Na nossa qualidade de responsáveis internacionais do Movimento das Equipas de Nossa Senhora, no passado dia 16 de Março fomos convocados pelo Dicastério para os Leigos, a Família e a Vida para participar numa reunião em que estivemos presentes com 15 responsáveis de outros tantos movimentos católicos e que tinha dois objectivos fundamentais:

1. O primeiro: O Pe. Alexandre Awi Mello, Secretário do Dicastério, e a Dra. Gabriela Gambino, Subsecretária para a Vida e Família, explicaram aos presentes os pormenores da celebração do Ano da Família *Amoris Laetitia* e as estratégias que o Dicastério desejava implementar, reunidas num itinerário em doze pontos, sublinhando a participação que esperam de nós enquanto responsáveis de movimentos eclesiais.
2. O segundo: conhecer as iniciativas que os movimentos e as associações católicas estão a desenvolver no domínio da família, com o objectivo de reforçar os laços e procurar sinergias para trabalhar em conjunto

Devemos confessar que neste encontro pudemos verificar com grande emoção a grande sinergia que existe entre as orientações e a pedagogia do nosso Movimento no roteiro estabelecido pelo nosso fundador, Padre Henri Caffarel, e o apelo que o Santo Padre nos faz com as orientações específicas e as estratégias que ele quer que a Igreja adopte, encarne e viva.

O Ano da Família *Amoris Laetitia* foi formalmente aberto na sexta-feira 19 de Março de 2021, na festa de São José, e será um ano dedicado à família até 26 de Junho de 2022. Cinco anos após a publicação da exortação *Amoris Laetitia* (*A alegria do amor*), o Papa Francisco quer aprofundar a implementação de uma pastoral familiar que acompanhe as crianças, os jovens, os idosos e os casais, independentemente do seu grau de proximidade com a Igreja e da sua configuração familiar.

O dicastério disse-nos: O Ano da Família *Amoris Laetitia* é uma iniciativa do Papa Francisco, que pretende chegar a todas as famílias do mundo através de várias propostas espirituais, pastorais e culturais que serão implementadas nas paróquias, nas dioceses, nas universidades, nos movimentos eclesiais e nas associações familiares.

Da leitura de *Amoris Laetitia*, retivemos estas linhas:

«A espiritualidade conjugal, que é uma “decisão real e efectiva de transformar dois caminhos num só” (AL 132) constrói-se “dia após dia” com gestos quotidianos em que se pode fazer a experiência da presença mística do Senhor ressuscitado, presença a cultivar através da escuta da Palavra de Deus, do exercício da reconciliação, da frequência da Eucaristia e da oração assídua. É neste caminho, pontuado pelos pequenos e grandes gestos da vida quotidiana, que o Senhor espera os esposos “para os levar às alturas da união mística” (AL 316)».

Recentemente, o Papa Francisco, num vídeo que enviou ao Dicastério para acompanhar um dos fóruns organizados no âmbito do ano da celebração, disse: *«Tal como a trama e a urdidura do masculino e do feminino, na sua complementaridade, concorrem para formar a tapeçaria da família, analogamente os sacramentos da ordem e do matrimónio são ambos indispensáveis para a construção da Igreja como “família de famílias”. Assim, poderemos ter uma pastoral familiar em que se respira plenamente o espírito da comunhão eclesial».*

Neste editorial, quisemos falar sobre o Ano da Família *Amoris Laetitia* e de alguns pormenores da sua celebração, porque se trata de um apelo que desafia todos os católicos do mundo inteiro.

Devemos expressar mais uma vez, como já o fizemos em outras ocasiões, que a capacidade do Padre Caffarel de nos surpreender está para além da nossa imaginação. Ao participar em numerosos acontecimentos eclesiais para os quais fomos convidados por ocasião desta celebração e ao estudar em profundidade as orientações que recebemos para levar a cabo as estratégias delineadas pelo Dicastério, não deixamos de admirar cada vez mais a intuição profética do Padre Caffarel, que não só antecipou em mais de 60 anos o apelo que a Igreja e o Papa nos dirigem nesta exortação, mas que previu claramente a força da união do sacramento da Ordem e do Matrimónio numa sinergia que começou a ser construída a partir daquele «procuremos juntos» e que hoje é o fermento na massa das Equipas de Nossa Senhora, da Igreja e do mundo e que o Papa Francisco quer promover e encorajar.

Neste ano de celebração da Família *Amoris Laetitia*, o Papa Francisco disse: «*Surgiu uma clara consciência da necessidade de enfrentar muitos desafios a que não foi dada a importância que eles merecem: a preparação para o matrimónio, o acompanhamento dos casais jovens, a educação, a atenção aos idosos, a proximidade às famílias feridas ou àqueles que, numa nova união, querem viver plenamente o ideal evangélico*», caminhos que o movimento das Equipas de Nossa Senhora, inspirado na herança espiritual do Padre Caffarel e no discernimento que o Espírito suscita na colegialidade, já acompanha com entusiasmo e determinação.

Não há dúvida de que o pensamento profético do Padre Caffarel é hoje, nas vésperas de celebrarmos o 25º aniversário da sua morte, mais actual, vivo, pertinente e portador de esperança do que nunca.

Muito obrigado e até à próxima,

Clarita e Edgardo BERNAL



Ao Serviço

*Actualidades dos Amigos do Padre Caffarel
25º aniversário da morte do
Padre Caffarel*

Uma novena de oração proposta aos equipistas do mundo inteiro

O dia 18 de Setembro de 2021 marca o 25º aniversário da morte do Padre Henri Caffarel. Clarita e Edgardo Bernal, o casal responsável, e a Equipa Responsável Internacional das Equipas de Nossa Senhora, pediram aos Amigos do Padre Caffarel que, para assinalar esta efeméride, organizassem uma novena de oração a ser proposta aos membros das Equipas de Nossa Senhora de todo o mundo, aos Intercessores, aos membros da Fraternidade Nossa Senhora da Ressurreição, aos membros dos Amigos do Padre Caffarel:

***O Padre Caffarel, um companheiro para o nosso caminho para Deus
«Mas o amor é a minha essência!»***

Este é o título da novena apresentada no website da ERI e que será publicada nas cinco línguas oficiais: francês, inglês, espanhol, português e italiano.

O desenrolar da novena:

Um vídeo de abertura da novena (9 Setembro de 2021), difundido na véspera do primeiro dia da novena.

Nove vídeos diários (de 10 a 18 de Setembro de 2021), acompanhados de uma proposta de oração e de intenções relacionadas com o tema do dia; cada vídeo conterá um extracto áudio ou vídeo do Padre Caffarel, um clipe sobre o tema do dia.

Esta novena permitirá a cada participante ouvir a voz do Padre Caffarel, meditar nas suas palavras, partilhar com outros o impacte que o Padre Caffarel tem tido na sua vida. Faz parte da promoção da causa de canonização do Padre Caffarel.

Ao Serviço

*Actualidades dos Amigos do Padre Caffarel
25º aniversário da morte do
Padre Caffarel
A palavra do Redactor da causa*

Padre Paul-Dominique Marcovits, o.p.
Redactor da causa do Padre Henri Caffarel



Porquê uma novena?

Queridos amigos,

O Padre Henri Caffarel tinha apenas um objectivo na vida. Aos 20 anos de idade, em Março de 1923, foi possuído pelo amor de Cristo e, desde então, o seu único desejo era ajudar os outros a fazer essa experiência de que Deus é amor, de que Cristo está vivo. Um dia, o Padre Caffarel exclamou: «O amor é a minha essência!».

No próximo dia 18 de Setembro, celebraremos o 25º ano da sua morte com uma novena de oração. Esta novena só tem este objectivo: que todos possam descobrir o amor de Deus por eles, pois a vida consiste em ser amado por Deus e em responder a esse amor.

Para o bem da Igreja e de todos os homens de boa vontade, pedimos a canonização do Padre Caffarel. Não podemos guardar só para nós uma tal riqueza, a riqueza do seu pensamento, dos seus escritos, do que ele é. O nosso desejo é que os casais tenham a alegria de viver melhor do amor de Deus e de o testemunhar no mundo, e que todos os cristãos descubram a riqueza, o tesouro da vida interior.

É esta a razão desta novena. O Padre Caffarel está vivo: ao escutarmos a sua voz, ao lermos os seus escritos de uma luz extraordinária, devemos encontrar a alegria de seguir Cristo, cada um segundo a sua vocação. Rezaremos em comunhão uns com os outros pelo progresso desta causa e pediremos a intercessão do Padre Caffarel para as intenções que trazemos no coração.

Padre Paul-Dominique Marcovits o.p.

Ao Serviço

*Actualidades dos Amigos do Padre Caffarel
25º aniversário da morte do
Padre Caffarel*

QUE É UMA NOVENA?

A **novena** (do latim «novem»), tal como é proposta pela Igreja católica, consiste em **rezar durante nove dias consecutivos**, normalmente para confiar a Deus uma intenção ou pedir uma graça especial. A Igreja encoraja esta **forma tradicional** de oração, muito popular.

Porquê fazer uma novena de oração? Porquê rezar nove dias?

Hoje em dia, considera-se geralmente que os nove dias de uma novena fazem referência aos nove dias que separam a Ascensão do Pentecostes. Na Bíblia, este período é um tempo de espera orante para os discípulos e para a mãe de Jesus. *«Todos unidos pelo mesmo sentimento, entregavam-se assiduamente à oração»* (Act 1,14) e no fim receberam o Espírito Santo. Assim, também nós podemos viver a novena como um **tempo de oração na expectativa de uma graça**.

Será a novena a forma de oração mais eficaz?

A novena não é, por natureza, mais eficaz do que qualquer outra forma de oração. O que faz a «eficácia» da oração, se podemos dizer assim, é sobretudo a qualidade da nossa presença e do nosso empenhamento. A nossa oração torna-se «eficaz» no sentido em que permite aquilo para que foi feita: aproximarmo-nos do Senhor e ajudar-nos a descobrir a verdadeira alegria que só dele pode vir.

A novena é uma forma privilegiada de oração, pois permite-nos dar do nosso tempo: dar algum tempo para colocar aos pés do Senhor uma situação difícil, para lhe **confiar com devoção uma intenção particular**, para preparar o nosso coração para receber as suas graças e para acolher o Espírito Santo para que Ele nos ajude a discernir...

A novena pode ser acompanhada pela participação diária na Eucaristia.

Gérard e Marie-Christine de Roberty

Ao Serviço

*Actualidades dos Amigos do Padre Caffarel
25º aniversário da morte do
Padre Caffarel*

***Homilia do Cardeal Lustiger, durante a missa celebrada
em 27 de Setembro de 1996, na Igreja de la Madeleine***

Irmãos e irmãs, meus caros amigos,

Henri Caffarel foi ordenado por um dos meus antecessores, o cardeal Verdier; e nunca deixou de pertencer ao presbitério parisiense, ainda que os caminhos a que a Providência o levou lhe tenham dado um ministério excepcional.

Mas é também por reconhecimento pessoal que vos falo dele esta tarde. Conheci-o de longe, mas também de perto, ao receber os seus ensinamentos e a sua pregação.

Faço parte daquela geração que reconheceu no Padre Caffarel uma das grandes figuras dadas por Deus à sua Igreja neste século. Vários são aqueles (como enumerá-los sem cair na injustiça?) cuja estatura apostólica atravessa esta época; muitas vezes no início desconhecidos, ou até mal compreendidos, foram marcos vivos no caminho que o Espírito Santo nos tem levado a percorrer. Parece-me que não é demais descobrir através deles como Cristo, o único Profeta dos novos tempos, quis que a sua missão profética se manifestasse em alguns dos seus servos.

O Padre Caffarel é um dos mais eminentes. Por isso, não é apenas o seu reconhecimento pessoal que o Arcebispo de Paris expressa, mas o reconhecimento de muitos padres da minha geração: em tempos difíceis, ele confortou-nos, interrogou-nos, orientou-nos com ousadia, coragem e originalidade. É o reconhecimento da Igreja para com um dos seus padres cujo ministério foi tão fecundo que devo manifestar.

Não abusemos do termo «profeta»: só Deus os designa. E, no entanto, usei-o em relação ao Padre Caffarel. Não quero refazer aqui a sua biografia, que bem conheceis e da qual espero que em breve deis um relato pormenorizado, pois é a história espiritual de todo este século no nosso país que está envolvida. Ao segui-lo, recebemos a inteligência do que vivemos hoje, compreendemos melhor o que aconteceu e quem antecipou, preparou o que iria acontecer amanhã.

Ele descobriu, como que por instinto, através de uma percepção penetrante, os pontos de ancoragem essenciais da vida dos cristãos e da vida da Igreja. Duas preocupações orientaram toda a sua acção na diversidade das suas iniciativas:

- por um lado, a vida do casal, a família, o amor humano;
- e, por outro, o amor de Deus e a oração. As últimas décadas da sua vida, o longo e silencioso recolhimento em Troussures são disso um testemunho vivo.

Não que haja aqui dois elementos que se equilibrem e se compensem um ao outro, mas antes, parece-me, uma única e forte intuição do nosso século e da sua situação espiritual.

Atrevi-me, pois, a usar a palavra «profeta»; seria mais modesto e exacto dizer que o Padre Caffarel antecipou prodigiosamente aquilo em que o casal se tornaria; tive a oportunidade, há alguns meses, de falar sobre este tema às Equipas de Nossa Senhora.

De facto, qual não foi a nossa surpresa, no rescaldo da segunda guerra mundial, ao vê-lo renovar a compreensão cristã do sacramento do matrimónio! Ele descobriu a sua missão; exaltou a dignidade do amor humano, numa altura em que ainda ninguém suspeitava quanto ele seria ameaçado pela própria evolução dos costumes e da cultura.

Ao mesmo tempo, propunha aos casais não só que se empenhassem nesta exigente descoberta da dimensão espiritual e sacramental do matrimónio, mas também que respondessem a Deus que os chama à santidade.

Esta segunda face, a que chamarei «contemplativa», aparece desde o início. Pois a descoberta do esplendor da humanidade que Cristo nos revela faz-se na medida da descoberta da profundidade da vida divina que Cristo nos propõe. O caminho da dignidade do amor em todas as suas dimensões não pode ser separado do caminho da Vida nova, do esquecimento de si mesmo, do dom que Deus faz de si mesmo aos seus servos.

Numa altura em que fervilhava a reflexão dos cristãos sobre o que viria a ser o «Apostolado dos Leigos», o Padre Caffarel levantou a fasquia ao máximo: propôs aos leigos que desejassem nada menos do que a santidade. E a santidade, não e pelo sacramento do matrimónio, graças à constituição destas equipas: adoptando a forma então generalizada de um «movimento», a ambição da vida comunitária apareceu com uma força inovadora surpreendente. Ele colocou a fasquia tão alta que alguns o criticaram pelo que consideravam um elitismo, outros por uma fuga às responsabilidades sociais e políticas.

Os mais velhos de entre vós lembrar-se-ão das dificuldades que encontraram e que o Padre Caffarel teve de enfrentar. Em tudo isto, ele antecipava o sopro do Concílio Vaticano II sobre a vocação dos leigos: vocação à santidade. É justamente «no mundo deste tempo» que os fiéis de Cristo, através da graça dos sacramentos do baptismo e do matrimónio, cumprem a sua vocação de homem e de mulher. O Padre Caffarel antecipou — e isto parecia pouco previsível — a necessidade de dar uma força sobrenatural à humanidade da nossa vida para que ela possa enfrentar as crises vindouras: as deste tempo.

Vedes para que luta, sem o saber, para que testemunho, sem o suspeitar, por vezes para que martírio o Senhor nos preparava desta forma, para que esta chama do amor vivesse no meio de contradições e de dificuldades que eram certamente maiores do que no passado. Este espírito era simultaneamente conduzido na aprendizagem do amor de Deus, no aprofundamento da fé da Igreja, na leitura do Evangelho, na vida fraterna e na troca mútua que permite não deambular por capricho das próprias ilusões, dos próprios desejos, mas ser constantemente apoiado, verificado de certa forma, confrontado com a amizade e a exigência dos irmãos na fé.

Chegou o momento em que o Padre Caffarel escolheu mergulhar na oração, na oração silenciosa: os anos de Troussures. Não os considero como um retiro, ainda que para alguns tenham sido vividos como tal e que ele próprio talvez por vezes tenha dado essa impressão.

Antecipando-se a todos nós, mostrou-nos assim o âmago da existência cristã, sem o qual nada subsiste. Tendo em conta o caminho percorrido anteriormente, vemos como o dos anos setenta e oitenta não deixa de ter significado eclesial na situação que vivemos em França. Um homem deste calibre é muito mais do que um guia... um iniciador, mesmo quando permanece em silêncio e aceita colocar-se diante desse mistério de toda a graça.

Contemplativo, ele nunca deixou de ser um homem de acção. O rigor do seu ministério e da sua vida em Troussures dão disso um testemunho rico de sentido.

O Padre Caffarel queria que ninguém falasse dele, mesmo na sua morte. Mons. Thomazeau tinha-me avisado dos seus últimos momentos e do seu desejo de ser enterrado, se não em segredo, pelo menos na mais completa humildade, correndo o risco de se subtrair ao afecto e ao reconhecimento de todos aqueles que viam nele um guia, um pai, um amigo e uma testemunha para o nosso século. Ele tinha pressentido o que as leituras que ouvimos e que ele tantas vezes comentou nos recordam.

A primeira, esta página do Apocalipse (3,14-22), é uma introdução à oração em que cada um é levado a descobrir o que ele próprio é sob o olhar de Deus e assim praticar a verdade em vez de permanecer na mentira, a revelar-se perante o seu Senhor, confortado porque Deus quer fazer em nós a sua morada.

Quanto a esta passagem do Evangelho de São João (12,20-33), o apóstolo relata um dos momentos cruciais da subida de Cristo a Jerusalém. Eis que alguns gregos, profeticamente — pois representam os pagãos das nações do mundo — querem ver Jesus. Por isso Cristo responde que chegou a hora em que o Filho é glorificado.

Aquele tempo em que os pagãos querem ver Jesus através dos olhos da fé é o tempo que vivemos, e a glória do Filho manifesta-se naqueles homens e naquelas mulheres que se aproximam de Cristo na iluminação do batismo.

Jesus dá-nos o preço disto através da alegoria do grão de trigo lançado à terra. O mistério da sua Paixão é a chave do seu amor, a marca de toda a sua vida. Enquanto Jesus nos chama a segui-lo, o evangelista faz-nos pressentir a perturbação em que o Messias se encontra, a angústia diante da sua própria morte que Ele expressará no Getsémani. Não há revolta nem recusa, mas agitação e combate espiritual. Cristo deve dizer sim, ainda com maior profundidade; foi por isso que chegou a esta hora: «Pai, manifesta a tua glória». Na obediência do Filho, no dom da sua vida, realiza-se a glorificação do Pai, e o próprio Pai o atesta: «Já a manifestei e voltarei a manifestá-la». Esta voz que se fez ouvir do céu é incompreensível para a multidão, mas é compreendida por aqueles a quem o Pai a destinou.

Nada nos impede de pensar que o Padre Caffarel, no momento do seu encontro com o seu Senhor, tenha vivido algo do que este Evangelho nos diz. Cristo Jesus convida-nos a segui-lo para estarmos com ele onde ele está, para sabermos o que ele sabe. Espero, acredito que o Pai do céu tenha confortado o seu servo e lhe tenha concedido, mesmo na oferta talvez dilacerante da sua existência, a consolação de um amor ainda maior, finalmente saciado por Aquele que ele tanto amava.

Neste amor, ele junta-se à imensa Igreja que nos escapa aos olhos; o Padre Caffarel continua a participar na obra da salvação para a qual recebeu o sacramento da Ordem. Como sacerdote de Cristo, participa no serviço sacerdotal de Cristo Jesus em favor do seu Corpo que é a Igreja

Cardeal Lustiger



ARQUIVOS DO PADRE CAFFAREL

Cristo chama-me

L'Anneau d'Or, número especial «Le Christ et le foyer», n. 27-28,
Maio-Agosto 1948

O catolicismo é um credo, uma concepção do homem e do mundo, uma lei moral, um colectivo, um culto, uma história.

No entanto, o essencial não é isso. O cristianismo é, antes de mais nada, alguém: Cristo. Nele reside o poder, a majestade, a santidade de Deus. Mas olhai para ele: é também um homem firmemente assente na terra, com as mãos fortes e calejadas dos trabalhadores manuais, que olha a direito, que fala com voz terna aos seus íntimos, em voz alta e até violenta àqueles que se pretendem justos. Totalmente homem, totalmente Deus. Ele trata Deus de igual para igual: conhece cada homem, chama cada um pelo seu nome.

O cristão é aquele que, ao ouvir este apelo, se apresenta a Cristo. Uma conversa a dois decisiva. «Só há uma coisa necessária: alguém que pede tudo e a quem se é capaz de dar tudo» (P. Claudel). Ele encontrou esse alguém. Foi concluído um pacto. Um pacto imprescritível. O cristão sabe-se, quer-se vinculado. Ele apostou, jogou a sua vida. Conhece o seu parceiro. Sabe a quem deu a sua fé, sabe que está liberto de si mesmo. É-lhe agora natural servir a causa de Outro, e já não os seus próprios interesses.

Ser cristão é antes de mais manter esta conversa de homem para homem, esta aliança irrevogável para uma colaboração que não deve terminar, essa vida a dois onde tudo é posto em comum.

É claro que também é aderir a uma doutrina, mas esta doutrina é o pensamento de Cristo, e esta adesão é uma comunhão com o seu

pensamento. Claro que é submeter-se a uma moral, mas essa moral consiste em viver como Cristo e por Cristo. Claro que é entrar numa sociedade — mais ainda, fazer parte de um organismo vivo que é o Corpo de Cristo. E participar numa liturgia que não é senão o ímpeto de todo o corpo místico que se eleva ao Pai, ao Pai de infinita majestade, em adoração, louvor e amor.

Então, se o cristianismo é essencialmente uma amizade pessoal com Cristo, o importante é realizar essa amizade e vivê-la. Isto é muito diferente de uma fidelidade sombria: a aventura mais excitante — todo o amor é uma aventura! Tratar-se-á de proteger essa amizade da erosão do tempo, de a defender dos inimigos de fora, dos de dentro, de si próprio. Não basta defendê-la. Se ela não crescer, o amor declina. Será necessário reconquistá-la e enriquecê-la todos os dias.

Há quem não aceite a ideia de que toda a religião cristã se resume ao amor. Isso parece-lhes demasiado sentimental — a menos que lhes pareça demasiado exigente! Querem, dizem eles, uma religião viril. Como se o amor não fosse viril! O amor verdadeiro não tem nada a ver com aquele passatempo romântico em que o homem descansa da sua condição de homem!

Não há nada menos sentimental do que o amor de Cristo e do cristão! Basta reler São Paulo: vencido por Cristo, Saulo, bom jogador, entrega-se sem condições. De agora em diante, a sua vida tem apenas um pólo: Cristo. Um único amor o possui: Cristo. Esse amor lança-o no empreendimento mais louco, não lhe permite descanso: «O amor de Cristo persegue-me!», diz ele. Que procura ele na intimidade de Cristo? Consolação? Não. Força. A força para viver, a força para morrer. Sentimental, romântico, São Paulo... De maneira nenhuma!

Compreenderia mais facilmente que tivésseis medo de que o amor de Cristo já não deixasse espaço em vós para outros amores. Com ele, de facto, não há negociação. Ele pede não «a sua parte», mas tudo. Jesus disse-o claramente: «Quem não renunciar a tudo o que possui, não pode ser meu discípulo». (Dizei-me, não sentis algum orgulho em servir um chefe duro e terno, que fala sem rodeios, que não se justifica por comandar?). Sim, pode-se temer pelos outros amores, mas quando eles são o que deveriam ser — quero dizer na ordem da vontade de Deus — só podem ganhar em vigor e qualidade. Pelo coração do homem, é o amor de Deus que passa. Dona Prouhèze tem razão: «A força pela qual te amo não é diferente daquela pela

qual existes». O amor de Deus não destrói; cria e transfigura tudo. Mas é cioso: «Quem amar o pai ou a mãe (ou o cônjuge) mais do que a mim, não é digno de mim».

Tendo rejeitado estas duas objecções, não se põe aqui a questão de as tratar em profundidade: para uma, a religião reduzida ao amor é apenas um idílio sentimental; a outra é mais razoável: é possível permanecer fiel ao amor humano quando se opta por Cristo? Convido-vos a meditar em alguns dos princípios essenciais da intimidade entre Cristo e o cristão.

A fim de esclarecer estes princípios, partirei do que vos é familiar: o vosso próprio amor conjugal. Ao fazê-lo, estou a ser fiel à mais antiga tradição. Yahveh, para fazer o povo judeu compreender a aliança que contraía com ele, recorria à comparação com o casamento. São João, para nos iniciar na intimidade do Filho de Deus com a humanidade, fala das «núpcias do Cordeiro». Também os santos, quando nos revelam algo dessa união com Jesus Cristo que os faz estremecer de felicidade, referem-se ao amor conjugal. É caso para nos interrogarmos sobre se o casamento, essa realidade mais significativa para a humanidade, não foi instituído sobretudo para nos revelar qual é a razão de ser de toda a Criação: as núpcias de Cristo com a humanidade redimida.

Admirar para amar.



Existe uma relação estreita entre o amor e a admiração. «Nunca amarei ninguém que não admire», disse-vos aquele jovem ou aquela jovem. De facto, quando ele se vos apresenta como o vosso companheiro de viagem, brilha nos seus olhos uma luz que é ao mesmo tempo deslumbramento e amor.

Mas como é frágil este jovem amor! Frágil como a admiração que o fez nascer. É por isso que é necessário proteger essa admiração, mantê-la, estar atento à beleza de quem amamos — não falo tanto dos seus encantos físicos, mas daquela beleza trémula que é, no coração de todo o ser, um reflexo da

beleza de Deus, um reflexo que nos emociona tanto quando o nosso olhar se torna suficientemente penetrante para o descobrir.

Acontece, mas tão raramente, que essa mesma luz de admiração e de ternura se encontra no rosto de dois esposos idosos. A vida, porém, não os poupou; lutas e tristezas estão inscritas nos seus traços: mas quando estão diante um do outro ficam maravilhados, como no primeiro dia, muito mais do que no primeiro dia. Na sua presença, ficamos surpreendidos, como diante de um milagre da vida. [...]

Os santos vão longe no amor porque, acima de tudo, vão longe em conhecimento. Eles têm por Cristo aquele interesse apaixonado que os namorados têm um pelo outro. Têm curiosidade em o conhecer: através das suas palavras — eu ia dizer das suas inflexões de voz — e dos seus gestos como o Evangelho no-los relata, adivinham a sua alma. Procuram-no também na oração, longamente, com paciência. E em toda a sua vida. Certamente são santos apenas por terem estado constantemente à escuta.

Amar é cuidar.

Em cada ser existe, encerrado, um belo sonho de Deus. Mas tão vulnerável... como os jovens botões de amendoeiras que uma geada primaveril é suficiente para destruir. É esse belo sonho, quando o descobrimos, que desperta em nós admiração e amor, e também o desejo irreprimível de o proteger, de o ajudar a desabrochar.

Não é deste desejo que dá testemunho a pergunta da noiva, ingênua apenas na aparência: Serei capaz de o fazer feliz? Cuidar da felicidade do outro é, de facto, o primeiro movimento de um amor autêntico. Mas não é coisa pouca. É muito mais do que apenas trazer uma alegria ao seu rosto, uma luz ao seu olhar. Trata-se de o ajudar a descobrir as suas potencialidades — qualidades humanas de coração e de espírito, gérmes de graça — e de o apoiar, através de uma ajuda discreta e dedicada, na utilização das suas aptidões e dos seus dons.

Cuidar é também adoptar a missão daquele que amo: no estaleiro dos homens, no reino do Pai, uma tarefa que lhe é atribuída e pela qual quero ser responsável. Os seus fracassos serão os meus fracassos, os seus sucessos os meus sucessos.

Encontramos este princípio de cuidar no amor de Cristo e do cristão? Podemos dizer sem cair no absurdo que o cristão deve querer ser responsável por Cristo? Contudo, não terá a insolência de pensar — como a esposa diante

daquele que ela ama: «Ele precisa de mim para ser feliz!». Pois bem, ele ousa pensar assim, e isto não é insolência, mas inteligência do coração de Cristo, que quis precisar dos homens. Cristo, de facto, pede-nos que abracemos a sua causa. E é verdade que ele possui uma felicidade infinita, a que não falta nada. Contudo, não atingirá a sua estatura perfeita, como diz São Paulo, senão no dia em que o crescimento do seu Corpo místico estiver completo. E isto, em parte, depende de mim, do meu amor e do meu trabalho. Há, portanto, uma plenitude, uma felicidade, uma glória de Cristo que me é confiada, da qual tenho de cuidar, que está nas minhas mãos. Imprudência de Deus! — Sim, mas digamos antes confiança de Deus.

Responsável por Cristo... um pensamento esmagador se eu não tivesse a certeza de que Ele cuida de mim. Ele que elogiou o servo bom por fazer render o talento que lhe fora confiado, como poderia não fazer frutificar a minha vida, entregue nas suas mãos no dia do baptismo? Se não me esquivar, o seu amor tenaz e engenhoso prosseguirá sem desfalecimento a sua tarefa. «A graça é insidiosa, a graça é traiçoeira e é inesperada... Quando a graça não vem a direito, vem de través. Quando não vem da direita, vem da esquerda; quando não vem como uma fonte a jorrar, pode, se quiser, vir como água que escorre sorratamente por debaixo de um dique do Loire...» (Péguy).

Aqueles que mais nos amam encontram-se muitas vezes tão desamparados nos momentos críticos: onnipotência está ao serviço do amor.

Será que isto significa que Ele me poupará a todo o sofrimento? Não, claro que não. Como o bom viticultor, Ele podará a sua vinha para que esta produza frutos abundantes e saborosos. Mas

então terei a convicção de que o seu amor não se pode enganar, que não há sofrimento senão para uma fecundidade ainda maior.



Amar é dar.

Afirmar que se cuida da perfeição e da felicidade de um ser e não dar tudo para promover essa perfeição e essa felicidade é puro engano! Deixar de trabalhar para o seu «êxito» assim que isso que começa a custar um pouco – ou muito! – de tempo, de coração, de sangue, é falhar no amor. Porque o

amor é dom. Não só de alguma coisa, mas de si próprio. Não dom de um dia, mas de sempre.

«É tão simples amar», cantarolam os jovens... A expressão não resiste à experiência. Nada é mais difícil. O dom nunca está feito de uma vez por todas, há que o renovar incessantemente; e nós cansamo-nos de dar, e desejamos uma pausa. Mas no amor não há descanso. Entre o amor e o egoísmo há, de facto, um conflito sem tréguas — o que um perde, o outro ganha.

A vitória é minha, se não me cansar de dar. De resto, uma dupla vitória: ao procurar incansavelmente o desabrochar do ser que amo, estou infalivelmente a avançar em direcção à minha própria perfeição.

Todo o drama do amor de Cristo e do cristão está neste dilema: sacrificar-me-ei a ele? Sacrificá-lo-ei a mim mesmo? Na verdade, este dilema só gradualmente afirma o seu rigor implacável.

Nada parece mais simples do que dar-se a si próprio, no dia em que se encontra Jesus Cristo para sempre. Até então, eu conhecia-o porque tinha ouvido falar dele; mas eis que agora ele emerge da bruma da história, ele está aqui diante de mim: alguém, uma pessoa viva. Tudo o que em mim é feito para o amor e para o dom desperta e brota para a vida. Enfim, esse velho sonho de amar até à adoração torna-se realidade. Como se aplicam bem ao amor por Cristo, estas palavras de Marthe em *L'Échange*:

«E eu vivia em casa e não pensava em casar.

«E um dia entraste em nossa casa como um pássaro

«Estrangeiro que o vento trouxe.

«E tornei-me tua mulher.

«E eis que entrou em mim a paixão de servir».

É a mesma impaciência para servir que se encontra naquele que acaba de encontrar Cristo: tudo na sua alma é um fervor que jorra. Mas a vida cristã é longa, um longo trabalho, mais do que um fervor contínuo. É um longo trabalho de amor, uma longa aprendizagem do dom total, dia após dia, tarefa após tarefa, renúncia após renúncia. A vitória do amor não está no início, mas no fim.

Com Cristo, como no casamento, é o dom de si que conta. «Não é o teu dinheiro, o teu serviço que eu quero, és tu, *tu* e não apenas algo de ti». Não é menos verdade que o dom das pequenas coisas, que os nossos humildes

gestos de amor são mais do que provas do dom de si: são a melhor maneira de o manter, de o rejuvenescer, de o fazer crescer.

Ao cristão que se entrega, Cristo entrega-se... com ardor — no sentido mais literal da expressão — a Cruz diz o suficiente. A Eucaristia também o diz, e de uma forma que podemos facilmente compreender: não será fazer de si próprio alimento para a pessoa amada uma aspiração profunda do coração humano? Uma heroína de Pearl Buck acaba de perder o marido, depois de muitos anos juntos. Ele era muito calado. A pergunta que esta mulher fez muitas vezes a si própria tornou-se mais torturante dentro dela: Fui-lhe útil, necessária...? E eis que ela fica a saber, relatadas sem muita atenção por um cunhado, as últimas palavras do falecido: «Ela era o meu pão de cada dia». Uma alegria — mais do que uma alegria, um grande rio de paz — percorre todo o seu ser: agora ela sabe...

Ser para aquele que amamos o pão de cada dia — não um alimento raro e refinado, mas o pão de todos os dias, aquele pão que se come antes da longa viagem, que se volta a comer à noite quando se regressa... — pão, aquela coisa mais comum e mais necessária..., foi isso que Jesus Cristo quis ser para mim. Dado, até esse ponto.

Amar é acolher.

Amar não é apenas dar, é também aceitar o dom do outro. Aceitar: a palavra soa mal, tem um tom triste. Digamos acolher. Acolher: uma porta que se abre, braços que se estendem, um rosto iluminado de alegria. Mas um acolhimento pode ser traiçoeiro: a porta abre-se e logo se fecha para aprisionar. Quantos supostos amores não são isto apenas!

O verdadeiro acolhimento, longe de confiscar uma liberdade, longe de sufocar uma personalidade, oferece-lhe a oportunidade de se tornar mais forte. É assim que Cristo nos ama. Por vezes somos tentados a dizer-lhe: Tomai-me; não me devolveis a minha liberdade! Mas Ele não poderá atender esta oração. Ele quer curar as nossas feridas, dar descanso ao nosso cansaço: «Vinde a mim, vós que andais cansados e oprimidos, que eu hei-de aliviar-vos»; Ele nunca nos amarra. Cristo é demasiado orgulhoso: não quer ser servido por um escravo, mas por um homem livre. [...]

Respeitador da nossa liberdade, Cristo é respeitoso num outro sentido. «Estou à tua porta e bato. Se abrires, entrarei e cearei consigo». Se abrires..., Ele nunca arromba a porta. É a nossa vez de sermos acolhedores.

Acolher Cristo, outro princípio essencial da vida cristã. Significa abrir-se à sua vida, à vida divina, que Ele nos oferece em superabundância — à sua alegria, que Ele quer aperfeiçoar em nós — à sua paz: «Deixo-vos a paz, dou-vos a minha paz...». «Abrir-se» é ainda uma palavra tímida; digamos: ter fome — ter fome de Cristo. Não será esta a expressão que corresponde melhor ao desejo daquele que quer ser o nosso pão quotidiano? «Trata-se de ter fome», dizia Santa Catarina de Siena. E se alguns acham esta expressão pouco teológica, que digam fé: é a mesma coisa. A palavra fome não traduz justamente o impaciente e torturante desejo de Cristo, dos seus pensamentos, do seu amor, que habita os santos? «Para chegar rápida e seguramente a um alto conhecimento de Deus, e o obter dele, soberano bem, soberana luz, soberano amor, não conheço nada melhor do que um pedido fervoroso, puro, contínuo, humilde e violento; um pedido que não seja feito só de boca, mas que brote do espírito, do coração, de todas as faculdades corporais e espirituais, um pedido que arrebate a graça através de um imenso desejo» (Santa Ângela de Foligno).

Nós somos pobres apenas porque a nossa fome é saciada demasiado depressa, porque a nossa medida demasiado estreita limita o dom de Cristo. Se a nossa fé fosse desmesurada, receberíamos superabundantemente da sua generosidade desmesurada. Pois o seu amor — como todo o amor — é excessivo, louco. São Paulo compreendeu isto, ele que ousou falar da loucura da cruz, da «loucura de Deus».



Oração pela beatificação do Servo de Deus Henri Caffarel

Deus, nosso Pai,

Tu colocaste no fundo do coração do teu servo Henri Caffarel um impulso de amor que o atraiu sem reservas para o teu Filho e o inspirou a falar 'Ele.

Profeta do nosso tempo, ele mostrou a dignidade e a beleza da vocação de cada um segundo a palavra que Jesus dirige a todos : «Vem e segue-me». Ele entusiasmou os esposos para a grandeza do sacramento do matrimónio, que significa o mistério de unidade e de amor fecundo entre Cristo e a Igreja.

Mostrou que padres e casais são chamados a viver a vocação do amor. Guiou as viúvas : o amor é mais forte do que a morte.

Impelido pelo Espírito, conduziu muitos crentes no caminho da oração. Arrebatado por um fogo devorador, era habitado por ti, Senhor.

Deus, nosso Pai, pela intercessão de Nossa Senhora, nós te pedimos que apresses o dia em que a Igreja proclamará a santidade da sua vida, para que todos descubram a alegria de seguir o teu Filho, cada um segundo a sua vocação no Espírito.

Deus, nosso Pai, nós invocamos o Padre Caffarel para ... *(indicar a graça a pedir)*

Oração aprovada por Monsenhor André VINGT-TROIS – Arcebispo de Paris.

"Nihil obstat": 4 de Janeiro de 2006 – "Imprimatur": 5 de Janeiro de 2006

No caso de obtenção de graças pela intercessão do Padre Caffarel, contactar com o postulador:

Association «Les Amis du Père Caffarel»

49 rue de la Glacière – F-75013 PARIS – França

Associação dos Amigos do Padre Caffarel

Membros honorários

Jean e Annick ALLEMAND †, antigos colaboradores permanentes, biógrafo do Padre Caffarel

Louis† e Marie d'AMONVILLE, antigos responsáveis da Equipa Responsável.
Antigos colaboradores permanentes

Igar † e Cidinha FEHR, antigos responsáveis da ERI (1)

Mons. François Fleischmann†, antigo conselheiro espiritual da ERI (1)

Alvaro e Mercedes GOMEZ-FERRER, antigos responsáveis da ERI (1)

Pierre† e Marie-Claire HARMEL, equipistas, antigo ministro belga

Cardeal Jean-Marie LUSTIGER †, antigo arcebispo de Paris

Odile MACCHI, responsável geral da «Fraternidade Nossa Senhora da Ressurreição»

Marie-Claire MOISSENET, presidente honorária do Movimento «Esperança e Vida»

Pedro e Nancy MONCAU †, casal fundador das E.N.S. no Brasil

Olivier e Aude de La MOTTE, responsáveis dos «Intercessores»

Mons. Éric de MOULINS-BEAUFORT, arcebispo de Reims

Maria Berta e José MOURA SOARES, antigos responsáveis da ERI (1)

O Priorado de NOSSA SENHORA de Caná (Troussures)

Padre Bernard OLIVIER o.p. †, antigo conselheiro espiritual da ERI (1)

René RÉMOND †, membro da Academia Francesa

Gérard e Marie-Christine de ROBERTY, antigos responsáveis da ERI (1)

Mons. Guy THOMAZEAU, arcebispo emérito de Montpellier

Michèle TAUPIN, presidente do Movimento «Esperança e Vida»

Cardinal André VINGT-TROIS, antigo arcebispo de Paris

Carlo † e Maria-Carla VOLPINI, antigos responsáveis da ERI (1)

Danielle WAGUET, colaboradora e executora testamentária do Padre Caffarel

(1) ERI: Equipa Responsável Internacional das Equipas de Nossa Senhora

Postulador da causa de canonização (Roma):

Padre Angelo Paleri, o.f.m. conv

Redactor da causa de canonização:

Padre Paul-Dominique Marcovits, o.p.

Director de publicações:

Edgardo Bernal Dornheim

Equipa Redactorial:

Armelle e Loïc Toussaint de Quiévre-court

OS AMIGOS DO PADRE CAFFAREL

*Associação conforme lei 1901 para a promoção da causa de
canonização do Padre Henri Caffarel*

49, rue de la Glacière - (7e étage) - F 75013 Paris

Tél. : + 33 1 43 31 96 21

Email : association-amis@henri-caffarel.org

Sítio Internet: www.henri-caffarel.org

**JÁ PENSOU
EM RENOVAR A SUA ADESÃO À ASSOCIAÇÃO
DOS AMIGOS DO PADRE CAFFAREL**

Adira e pague on-line via Paypal: www.henri-caffarel.org

Adesão à Associação Les Amis du Père Caffarel

Apelido:

Nome(s):

Endereço:

Código postal: Localidade:

País:

Telefone:

Endereço electrónico:@.....

Actividade profissional – religiosa:

Renovo/Renovamos a minha/nossa adesão à Associação

«Les Amis du Père CAFFAREL» para o ano 2021

Satisfaço/Satisfazemos a quota anual:

Membro aderente: 10 €

Casal aderente: 15 €

Membro benfeitor: 25 € ou mais

Para efectuar o pagamento, dirija-se ao correspondente dos «Amigos do Padre Caffarel» da sua Supra-Região ou Região, cujas coordenadas são as seguintes:

Portugal: Fernanda e António FELGUEIRAS

felqueiras.antonio@gmail.com / nandafelq@gmail.com

Brasil: Beto e Afra SLEEGERS: pe.caffarel@ens.org.br

Peço que encaminhem informações e um pedido de adesão às seguintes pessoas:

Nome e Sobrenome
Endereço
CEP Cidade
País
e-mail @
.....

Nome e Sobrenome
Endereço
CEP Cidade
País
e-mail @
.....

Nome e Sobrenome
Endereço
CEP Cidade
País
e-mail @
.....

Nome e Sobrenome
Endereço
CEP Cidade
País
e-mail @
.....

Nome e Sobrenome
Endereço
CEP Cidade
País
e-mail @
.....